

**Sob os olhos da águia:**  
**imagens da Argentina peronista na imprensa brasileira dos primeiros anos**  
**da Guerra Fria (1946-1955).**

**Heloisa Jochims Reichel\***

**Resumo:** O artigo analisa as representações publicadas pela imprensa brasileira acerca da Argentina no período em que Juan Domingo Perón exerceu o cargo de Presidente da República Argentina, de 1946 a 1955, considerando que as mesmas estiveram marcadas por uma forte influência dos Estados Unidos nos meios de comunicação brasileiros. Aborda o período histórico a partir da problemática da Guerra Fria e, como tal, privilegia as relações entre os dois países, que se caracterizaram por oscilar entre a amizade e a concorrência, e as que ambos, isoladamente, mantiveram com os Estados Unidos. Ao focalizar as matérias dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, publicados no Rio Grande do Sul, percebe a presença de um discurso identificado com a visão norte-americana dos acontecimentos e das decisões das políticas interna e externa adotadas pelo governo peronista na Argentina.

**Palavras-Chave:** Estados Unidos e América Latina, Guerra Fria e Imprensa.

**Abstract:** The present article analyses the representations published by the Brazilian press concerning Argentina during the period in which Juan Domingo Perón was the President of that country, between the years of 1946 and 1955, taking into consideration that such representations were marked by the United States' strong influence over the Brazilian communication media. The article approaches this historical period from the Cold War perspective and as such favours the relations between Brazil and Argentina, of friendship at times, of competition at other times, as well as the relations developed by both countries with the US. By focusing on the pieces published by *Correio do Povo* and *Diário de Notícias*, both issued in Rio Grande do Sul, this article acknowledges the presence of a discourse identified with the North American view on the happenings and decisions of both internal and external policies adopted by Perón's government in Argentina.

**Key words:** United States of America and Latin America; Cold War; Press.

As relações entre Brasil e Argentina, historicamente, foram nutridas por questionamentos e acontecimentos que, por vezes, fomentaram sentimentos amistosos e de

---

\*Doutora em História, professora titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS. Pesquisa Atual: Percalços e avanços na integração regional nas últimas duas décadas: Brasil e Argentina-CNPq/Projeto Renato Archer, Endereço: Avenida Unisinos, 950 – Bairro Cristo Rei – CEP: 93.022-000 São Leopoldo – RS, e-mail: heloisareichel@unisinos.br.

cooperação e, por outras, estabeleceram rivalidades. Apesar de pendulares e ambivalentes, elas sempre estiveram fortemente presentes no imaginário coletivo de ambas as sociedades, fazendo com que cada um dos países atribuísse ao outro, tanto no cenário latino-americano quanto no regional, uma importância marcante. Esta situação pode ser comprovada pela frequência com que as notícias sobre a Argentina sempre se fizeram presentes nos periódicos de nosso país e, também, pelo teor das mesmas.

As matérias sobre a Argentina, nos jornais brasileiros, ocupam lugar de destaque nos espaços dedicados ao noticiário internacional, sendo, muitas vezes, oriundas da imprensa daquele país ou até de agências brasileiras que ali mantêm escritórios. Esse interesse dos meios de comunicação nacionais em divulgar notícias sobre o país vizinho faz com que fiquemos com a idéia de que ele é um dos poucos, na América Latina, que pode competir conosco em nível de desenvolvimento e importância.

Nosso objetivo, nesse artigo, é analisar as representações publicadas pela imprensa brasileira acerca da Argentina num momento importante e bem delimitado das relações entre esses dois países. Referimo-nos ao período em que Juan Domingo Perón exerceu o cargo de Presidente da República Argentina, de 1946 a 1955, ano este em que renunciou ao seu segundo mandato, o qual se iniciara em 1952.

Freqüentemente, esse período é focalizado a partir do populismo, fenômeno político vivenciado pelos dois países e que tem originado vários estudos analíticos específicos sobre cada país ou comparativos, tanto sob aspectos econômicos, políticos ou sociais. Poucos, porém, preocuparam-se em focalizar as relações bilaterais desenvolvidas pelos dois países nesse período, relacionando-as com as conjunturas internacional e continental da época. Acreditamos, sob esse enfoque, que a Guerra Fria e o alinhamento dos países latino-americanos às diretrizes de Washington influenciaram, em muito, não só a política interna levada a efeito pelos governos de Brasil e Argentina, como, também, as relações políticas e diplomáticas entre ambos.

Do ponto de vista metodológico, escolhemos analisar essas relações através da imprensa, tendo em vista que, atualmente, ela é vista como uma fonte privilegiada para análise histórica, na medida em que se constitui num registro impresso dos acontecimentos de uma época. Porém, não podemos esquecer que, apesar de as matérias publicadas nos jornais não desconhecem os anseios do público leitor, elas se acham comprometidas com

os interesses dos setores dominantes. Nesse sentido, influenciam na construção de um imaginário social através de representações textuais ou imagéticas com as quais noticiam os acontecimentos. Segundo Chartier (1990), as *representações* compõem dimensões do real que interferem no posicionamento político e social dos indivíduos. Elas mostram um espaço de disputa entre diferentes grupos para tornar legítima a sua visão de mundo (considere-se aqui, especialmente, o caso da disputa ideológica que marcou a Guerra Fria) e, “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, [...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros”. (Chartier, 1990, p.17)

É com essa perspectiva de análise que utilizamos os jornais de circulação diária como fonte histórica. Temos consciência de que a grande imprensa, assim como outros veículos de comunicação de massa, faz parte de um sistema que constrói representações que podem reforçar os valores sociais dos setores dominantes e o medo de inimigos reais ou imaginários à ordem vigente. Ela contribui, muitas vezes, para produzir a realidade objetiva, promovendo comportamentos e visões de mundo que reproduzem as representações que descreve ou designa. Concebida dessa forma, a imprensa mostra os fatos a partir de uma versão e permite, assim, verificar a forma como o presente foi dado a perceber ou foi concebido por grupos da sociedade.

Selecionamos, como fonte da investigação, dois jornais, o Correio do Povo e o Diário de Notícias, que, apesar de terem circulado preferencialmente no Rio Grande do Sul, tiveram participação destacada na imprensa nacional devido à grande tiragem, à modernidade das técnicas jornalísticas adotadas e à estrutura das empresas. Outra justificativa para a análise dos referidos periódicos diários encontramos no fato de eles serem editados num estado da federação que faz fronteira com a Argentina, motivo de interesse e publicação constante de matérias sobre o país vizinho.

O primeiro dos periódicos, no período focalizado, era líder em tiragem e circulação, pertencendo à empresa gaúcha Cia. Jornalística Caldas Junior. O segundo integrava o grupo

Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand <sup>1</sup>.

Esses periódicos alinhavam-se às tendências seguidas pela grande imprensa no Brasil no que diz respeito à tomada de posição frente aos acontecimentos noticiados. Enquanto o Diário de Notícias, como periódico integrante da empresa Diários Associados, assumia uma contundente posição de defesa dos interesses dos Estados Unidos em editoriais e artigos<sup>2</sup>, o Correio do Povo procurava demonstrar certa isenção político-ideológica, publicando, na maioria das vezes, as notícias com os textos recebidos dos correspondentes estrangeiros, sem comentá-los. É importante dizer que Chateaubriand era ferrenho defensor dos norte-americanos, tendo em vista que conseguira aumentar seu império empresarial às custas de empréstimos junto a bancos desse país. A empresa Caldas Junior, por sua vez, como a maior parte dos jornais do país, comprava as matérias internacionais que publicava de agências norte-americanas, como a United Press(AP e a Associated Press(AP). Sendo assim, o Diário de Notícias apresentava, diariamente, um artigo assinado por Assis Chateaubriand, no qual a linha editorial expressava a representação que a empresa dava aos fatos que publicava em outras matérias; por sua vez, o Correio do Povo, ao priorizar os textos provenientes de correspondentes, neutralizava a relação representação/imprensa e transformava a notícia em uma espécie de “narrativa da realidade”. Ambos periódicos assumiam a versão norte-americana da realidade que noticiavam.

**Um histórico das relações entre os dois países** - Se considerarmos os elementos comuns do passado colonial, a cultura gaudéria que se faz presente em largos espaços dos seus territórios nacionais, as redes comerciais e familiares que se estabeleceram entre Argentina e Brasil ao longo de quase quatro séculos de vizinhança e a atual vulnerabilidade

---

<sup>1</sup> O Correio do Povo foi fundado por Caldas Junior em 1895 com o objetivo de introduzir uma imprensa não posicionada politicamente no Rio Grande do Sul, já que esta era a característica predominante na época. Nos anos que focalizamos, era o jornal de maior circulação no Estado e, apesar de conservador, gozava de prestígio e conceito na sociedade gaúcha. O Diário de Notícias, por sua vez, foi lançado em 1925 no mercado sul-rio-grandense, constituindo-se no segundo maior jornal do Estado. Seguiu a linha editorial dos Diários Associados, assinada por Assis Chateaubriand, profundamente anti-getulista e anti-peronista.

<sup>2</sup> O vínculo do empresário com os interesses norte-americanos era forte, como atesta o fato de ter adquirido a sucursal brasileira da empresa farmacêutica Schering, após ter sido ela confiscada dos nazistas, com um milhão de dólares emprestados por Nelson Rockefeller, coordenador de Assuntos Interamericanos do Governo Roosevelt. Era, também, amigo pessoal de vários outros políticos ligados ao governo norte-americano do pós-guerra.

econômica de ambos os países frente às potências mundiais, podemos afirmar que os laços que unem os dois países são sólidos e fraternos. Entretanto, esse longo período esteve marcado, também, por disputas militares e diplomáticas que envolveram questões territoriais, o controle da navegação na Bacia do rio da Prata e a hegemonia política e econômica do sul da América do Sul. Sob essa perspectiva, a rivalidade e a competição emergem naturalmente.

As relações pendulares entre os dois países podem ser constatadas em alguns momentos marcantes do passado. A primeira demonstração de antagonismo e disputa ocorreu entre os anos de 1825 e 1828, por ocasião da guerra da Cisplatina, como é conhecida no Brasil, ou a guerra do Brasil, como o conflito é denominado na Argentina, o qual teve, como desfecho, a criação do Uruguai para servir de estado tampão entre as duas nações. Mais tarde, entretanto, após a queda de Rosas e a liberação, para a navegação internacional, dos percursos dos rios da bacia platina que se localizavam em território argentino, o comércio entre os dois países tornou-se intenso e promissor. Tal associação de interesses contribuiu, em muito, para que ambos formassem, junto com o Uruguai, a Tríplice Aliança na guerra travada contra Solano Lopez, ditador do Paraguai.

Na primeira década do século XX, mais uma vez a disputa por territórios acirrou o antagonismo entre Brasil e Argentina. As autoridades entraram numa disputa diplomática pela definição de fronteiras, a qual foi acompanhada de uma política armamentista tão intensa que os especialistas e historiadores das relações exteriores entre os dois países são unânimes em afirmar que a guerra, naquele momento, parecia inevitável.<sup>3</sup> Essa fase de conflito ostensivo teve fim graças às gestões do Barão de Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil e do Presidente da Argentina, Roque Sáenz Peña, que articularam uma aproximação dos dois países, resolveram as questões fronteiriças e abandonaram a política armamentista.

Na década de 1930, principalmente durante o governo de Agustín P. Justo na Argentina (1932-1938) e de Getúlio Vargas (1930-1945) no Brasil, houve certa aproximação entre as duas nações. Esta predisposição se materializou na assinatura de inúmeros acordos bilaterais referentes a temas políticos, econômicos e culturais. Desses,

---

<sup>3</sup> Ver mais em ESCUDÉ (1996) e BANDEIRA (2003).

destacamos o de extradição e o de repressão ao contrabando, bem como os que estabeleciam convênios de intercâmbio intelectual de publicações e de revisão dos textos de ensino de história e geografia<sup>4</sup>. Na ocasião, foi assinado, também, o projeto de construção da ponte sobre o rio Uruguai com recursos de ambos os países, o qual uniria Paso de los Libres (Argentina) a Uruguaiana (Brasil).<sup>5</sup>

No decorrer da segunda guerra mundial, as relações entre os dois países permaneceram ambivalentes, oscilando entre a amizade e a rivalidade. O Brasil, que inicialmente mostrara-se favorável à neutralidade na guerra e disposto a intensificar o intercâmbio com o país vizinho através da troca de seus produtos industriais pelo trigo argentino, acabou cedendo às pressões norte-americanas e integrando o bloco dos aliados. A Argentina, por sua vez, manteve relações diplomáticas e comerciais com os países do Eixo até quase o final do conflito, atitude que lhe custou um isolamento frente aos demais países do continente e um enfrentamento direto com os Estados Unidos. Diplomáticamente, essa situação atingiu seu momento culminante quando a nação não foi convidada a participar da Conferência Interamericana sobre problemas da Guerra e da Paz, realizada na cidade de Chapultepec, no México<sup>6</sup>. Na ocasião, o Brasil, ao lado de outras nações latino-americanas, intercedeu para que o país platino participasse do evento como ouvinte, sob o

---

<sup>4</sup> Fruto desse acordo, na Argentina, inaugurou-se a *Biblioteca de Autores Brasileños traducidos al castellano*. Em 1937, aparecem publicações, como, *Os Sertões* de Euclides da Cunha com prólogo de Mariano de Vedia; *O Imperador Dom Pedro II*, por Alfonso Celso, com prólogo de Max Fleiuss; *Conferências e Discursos* de Ruy Barbosa, com prólogo de Emilio Raviniani (1939); *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *Pequena História da Literatura Brasileira* de Ronald de Carvalho. Ver mais em FRAGA, Rosendo. **Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas**. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudios Union para la Nueva Mayoria, 1998. p. 789.

<sup>5</sup> A construção da ponte não foi bem vista pelos militares de ambos os países, que viam, nela, um facilitador para uma possível invasão estrangeira. Por isso, a obra foi inaugurada apenas em maio de 1947, quando Eurico Gaspar Dutra e Juan Domingo Perón governavam Brasil e Argentina respectivamente.

<sup>6</sup> A Argentina, que sofria forte pressão por parte dos Estados Unidos para que rompesse com os países do Eixo, sendo inclusive acusada de “colaboracionista”, havia solicitado, em outubro de 1944, a convocação de uma reunião à União Panamericana para discutir as relações exteriores dos países latino-americanos frente ao conflito europeu. O governo norte-americano conseguiu, entretanto, que essa reunião não se realizasse, mas, sim, a conferência acima citada, da qual só poderiam participar os países que se tinham unido ao esforço bélico.

argumento de que a presença do mesmo era de vital importância.<sup>7</sup>

Encerrado o conflito mundial, as relações entre Brasil e Argentina se viram novamente afetadas pela conjuntura internacional. Por ocasião da estruturação da nova ordem mundial após a derrota dos países do Eixo, ordem esta marcada pelo bipolarismo ideológico e pela disputa entre União Soviética e Estados Unidos, os dois países posicionaram-se de maneira distinta, principalmente no que diz respeito ao alinhamento ao bloco capitalista sob a égide dos Estados Unidos.

**As relações de Brasil e Argentina com os Estados Unidos** - Cabe destacar que a posição de Argentina e Brasil frente aos interesses norte-americanos no continente se constitui num tema que, quase sempre, colocou os dois países em campos opostos. As difíceis relações entre Argentina e Estados Unidos não surgiram durante a segunda guerra. Elas já se faziam presentes desde a Primeira Conferência Panamericana, realizada em Washington no ano de 1889, quando a nação hispano-americana opôs-se sistematicamente a todas as propostas norte-americanas, inclusive a primordial, que era a de constituir uma União Aduaneira entre os países da América. Por ocasião da primeira guerra mundial, a política externa argentina mostrou, mais uma vez, sua autonomia frente aos Estados Unidos, posicionando-se a favor da neutralidade, o que lhe permitiu manter os vínculos estreitos com o capital europeu, principalmente com o inglês. O Brasil, ao contrário, que já vivenciava uma crescente dependência financeira e comercial em relação aos Estados Unidos desde o início dos noventa, seguiu o caminho adotado pela Casa Branca e rompeu relações com a Alemanha em 1917. Ao longo das décadas de vinte e trinta, a Argentina manteve a Inglaterra como aliada preferencial e seus laços com o imperialismo britânico não chegaram a ser essencialmente afetados pela crescente presença dos interesses norte-americanos na sua economia.

---

<sup>7</sup> Dentre as resoluções adotadas durante a Conferência, algumas diziam respeito à Argentina. Elas, de forma diplomática, forçavam a nação a se alinhar com os demais países latino-americanos, sob o argumento de que considerava essencial, para a segurança e paz do continente, que houvesse uma completa solidariedade e uma política comum entre os Estados Americanos. Perante o perigo de ficar totalmente excluída da União Panamericana e da nova organização mundial que se formava no pós-guerra, o governo argentino acabou por declarar guerra ao Japão em 27 de março de 1945, um mês depois da Conferência de Chapultepec, completando, assim, a ruptura com o Eixo que já iniciara em dezembro do ano anterior, quando rompera com o governo de Hitler.

O ano de 1946, cenário em que se estruturava a nova ordem mundial, encontrou os dois países, como dissemos, em situações distintas no que diz respeito às relações com os Estados Unidos. A diplomacia brasileira do governo do Gen. Dutra manteve o apoio incondicional ao governo norte-americano nos foros multilaterais e a cooperação militar entre os dois países ganhou novos contornos. A influência norte-americana aumentou nesse campo especialmente, com a participação de alguns de seus militares no treinamento e na formação das Forças Armadas Brasileiras, com a criação do Estado Maior Conjunto e da Escola Superior de Guerra nos moldes do *National War College* de Washington. A Argentina, sob a presidência do Gen. Perón, resistia a submeter-se aos interesses econômicos, políticos e militares norte-americanos. Sendo assim, aplicou um projeto de nacionalização na economia interna e de autonomia política e militar no que diz respeito às relações internacionais.

Nesse ano, a Argentina foi responsável por apresentar, no contexto de estruturação do bipolarismo que marcou a Guerra Fria, uma proposta alternativa para a América Latina no que diz respeito à exigência do alinhamento aos Estados Unidos ou à União Soviética. A nova orientação política que deveria balizar as relações entre os países e o sistema de governo das diversas nações latino-americanas foi denominada, pelo próprio Perón, de “terceira posição”. Segundo suas palavras, “(...) a Argentina é a terceira posição. O comunismo declara que tudo deve ser do Estado, o capitalismo diz que tudo deve ser privado. Nós possuímos propriedade privada e do Estado, e pretendemos assim, achar uma solução intermediária”<sup>8</sup>.

Para alguns especialistas em política externa argentina, tal proposta deve ser vista como resultado da histórica rivalidade entre a nação e os Estados Unidos e do passado de Perón como simpatizante do nazi-fascismo. A resistência ao alinhamento total ao bloco capitalista encontrava sua explicação nas desavenças com os americanos que, desde o final da segunda guerra, somente haviam se intensificado. O passado de simpatia para com o fascismo, por sua vez, colocava Perón em oposição direta com o comunismo, impedindo qualquer aproximação ideológica com a União Soviética. A apresentação e a sustentação de uma via alternativa para regular o sistema mundial pode ser explicada, também, pelo

---

<sup>8</sup> Essa definição da “terceira posição”, dentre as muitas que foram expressas por Péron, apareceram publicadas no Correio do Povo de 09/02/1950, em reportagem de capa cujo título era: “Péron declarou que a Argentina se libertou da exploração estrangeira”.

elevado grau de popularidade que o governo peronista tinha entre os argentinos até os primeiros anos da década de cinquenta e pelo conceito de nação economicamente próspera que gozava no resto do mundo, especialmente na América Latina. A boa situação econômica, usufruída pelo país devido às reservas financeiras acumuladas durante a guerra, permitia que o governo concedesse uma série de benefícios à classe trabalhadora, elevasse expressivamente a qualidade de vida da população e, contrariando os interesses norte-americanos, nacionalizasse empresas estrangeiras.

A “terceira posição” defendida por Perón foi matéria publicada na imprensa brasileira. Porém, como os jornais publicavam notícias internacionais produzidas pelas agências norte-americanas em sua grande maioria, ela foi representada, predominantemente, através da visão norte-americana que era de rechaço a essa política. Durante o ano de 1946, ocorreram vários conflitos diplomáticos entre as duas nações, com acusações e respostas de ambas as partes. A situação alcançou seu auge no mês de janeiro de 1947. Na ocasião, o Correio do Povo publicou dez reportagens que focalizaram as relações diplomáticas entre a Argentina e os Estados Unidos; na maioria das vezes, o conteúdo dos textos apresentava as críticas norte-americanas ao governo de Perón, acusando-o de proteger remanescentes do fascismo e de não cumprir suas obrigações referentes à cooperação interamericana.<sup>9</sup> Eram publicados, também com destaque, artigos de jornalistas norte-americanos que apontavam a necessidade de a Argentina juntar-se à política de unidade hemisférica comandada pelos Estados Unidos e o empecilho que Perón significava para o sucesso da mesma.<sup>10</sup>

As reportagens que apresentavam a versão argentina apareceram em menor número. No Correio do Povo, apenas em duas ocasiões. Na reportagem de capa de 14 de janeiro de 1947, sob o título “As relações dos EUA e da Argentina”, o secretário da embaixada Argentina acusava o jornal ‘Washington Post’ de ser “injusto” e “*intolerante*” e de ter uma clara posição “*anti-argentina*”. E, na de 16 de janeiro do mesmo ano, com o título “*Enérgico ataque do Ministro das relações exteriores argentinas contra o Secretário Byrnes*”, as críticas se endereçaram ao governo americano.

---

<sup>9</sup> In: Correio do Povo; capa, 12/01/1947. Título: “Byrnes Reilero: Argentina falhou”-afirmação feita pelo então Secretário de Estado dos EUA na Conferência de Cleveland. Segundo ele, a Argentina nem sempre cumpre com as obrigações da Conferência de Chapultepec referentes à cooperação latino-americana.

<sup>10</sup> Nessa linha, temos as reportagens de 31 de janeiro e 21 de fevereiro de 1947 do Correio do Povo.

O ano de 1947, quando a Guerra Fria iniciava, encontrou Argentina e Brasil em posições distintas apenas na aparência no que diz respeito à relação dos mesmos com o país hegemônico do bloco capitalista. O Brasil, que esperara receber tratamento de aliado privilegiado por ter participado do esforço de guerra e ter enviado tropas à Itália, não recebera os investimentos e os auxílios financeiros que esperava por parte do governo dos Estados Unidos. A Argentina, por sua vez, sofria um forte boicote comercial e financeiro, comandado pelo governo norte-americano, o qual lhe dificultava a importação de aço, ferro, equipamentos para perfuração de petróleo, entre outros, bem como a exportação de seus principais produtos, a carne e o trigo.

Pressionado por essas dificuldades e pela necessidade de obter recursos financeiros junto aos credores norte-americanos, Perón mudou sua conduta em relação à nação hegemônica a partir de 1947. Algumas atitudes por ele tomadas contribuiriam para que se distendessem as arrefecidas relações. Em primeiro lugar, Perón determinou, a seu corpo diplomático, uma aproximação com os Estados Unidos. Reconhecia a superioridade militar e econômica desse país e que o permanente atrito com ele só seria prejudicial à Argentina. Em vista disso e reforçando a atitude conciliatória adotada, enviou as Atas de Chapultepec<sup>11</sup> ao Congresso para sua retificação. O governo argentino, ainda, entregou aos Estados Unidos vinte e quatro “supostos” espões nazistas e confiscou toda e qualquer propriedade pertencente a companhias de capital alemão e japonês. Em resposta, conseguiu que os funcionários do Pentágono, preocupados com a defesa continental e em total desacordo com a política adotada pelo Departamento de Estado, gestionassem, perante o presidente Truman, a conciliação com Buenos Aires.

Foi nesse contexto de frustração do Brasil e tentativa de melhorar relações por parte da Argentina, no que diz respeito às relações com os Estados Unidos, que ocorreu a primeira conferência panamericana após a implantação da nova ordem mundial.

O evento, que se denominou a Conferência Interamericana para Manutenção da Paz e da Segurança do Continente, realizou-se na cidade do Rio de Janeiro de 15 agosto a 2 de setembro de 1947.

---

<sup>11</sup> As Atas de Chapultepec, redigidas em março de 1945, contêm uma série de declarações de princípios e intenções que expressam significativas imagens sobre a identidade panamericana. Reafirmaram a direção de rumo implementada pelos Estados Unidos à integração continental, quando reconheceu, como marco fundador das relações diplomáticas entre as nações da América, a Conferência Interamericana convocada pelos Estados Unidos para 1889 e, não, a Conferência Continental, chamada por Bolívar em 1826.

Ao acompanhar dia a dia os acontecimentos do evento, que reunia representantes de todos os países do continente, o leitor foi bombardeado por questões de menor importância ou por pronunciamentos reproduzidos de forma direta, sem qualquer análise interpretativa. Isso impossibilitava a identificação do verdadeiro objetivo da Conferência que era, através de um instrumento diplomático, manter alinhados os governos do continente à Casa Branca. A restrita divulgação e a total ausência de análise recebida pela assinatura do tratado Interamericano de Assistência Recíproca – TIAR, atestada pela divulgação, agora, do Diário de Notícias em sua edição de 3 de setembro de 1947, nos permitem tal afirmação:

“O povo brasileiro irmão na guerra e na paz dos povos livres da América. O chanceler Raul Fernandes encerra a Conferência Interamericana para a manutenção da paz e da segurança afirmando que: o tratado substitui na vida internacional o princípio da prepotência pelo da ordem.”<sup>12</sup>

O mesmo se pode dizer sobre a manchete central da primeira página do dia 16 de agosto de 1947 do Correio do Povo quando o matutino apresentou a sua versão do evento referindo-se às palavras empregadas pelo Presidente Dutra na cerimônia de abertura. Ao apresentar o título “*Com um veemente apelo por parte do Presidente Dutra à cooperação dos povos latino-americanos foi inaugurada a Conferência Interamericana...*”, o periódico procurava construir uma imagem de igualdade entre os países do continente e de que a reunião visava incrementar a cooperação existente entre eles.

A reprodução diária do desenrolar das atividades e das decisões tomadas ao longo do evento fazia com que a realidade aparecesse de forma fragmentada e descontínua, contribuindo, também, para que o leitor não pudesse formar uma opinião global e crítica sobre o evento. Segundo esses registros, a imprensa deixou transparecer que, durante a conferência, instalara-se uma disputa pela hegemonia da mesma, sendo que os países envolvidos eram o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos.

Apesar de a rivalidade mais uma vez estar latente nas relações entre Brasil-Argentina, a cordialidade que marca esses eventos diplomáticos e a aceitação definitiva da Argentina na união panamericana falaram mais alto, propiciando que a imprensa se referisse de maneira positiva ao país vizinho. O mesmo aconteceu quando a agência, a Meridional, comentou sobre o papel destacado que esse país usufruía na Conferência:

---

<sup>12</sup> Diário de Notícias, 3 de setembro de 1947, p.4

“Ausente ou presente a Argentina domina (Rio Meridional). Depois dos Estados Unidos – e mesmo em parêntese – Argentina é o nome que mais está sendo pronunciado nos bastidores da Conferência. Aliás, isto já se tornou hábito nas últimas Conferências Panamericanas. Argentina ausente ou presente tem roubado o papel de primeira dama dessas reuniões que estão se tornando cada vez menos românticas. Em Chapultepec a Argentina não esteve presente, é verdade, porém muitas resoluções foram tomadas em consequência de sua ausência e fez as cabeças de Stettinius e Rockefeller rolarem (...)”<sup>13</sup>

Ao contrário das notícias que publicara anteriormente sobre a terceira posição, todas adquiridas das agências norte-americanas e que, velada ou expressamente, criticavam a política externa argentina, o Correio do Povo, em manchete de primeira página do dia 27 de agosto, escreveu : “ *Chanceler argentino Juan Bramuglia propõe terceira posição para o Continente Americano, longe dos extremismos do capitalismo e do comunismo.*” Cabe referir, ainda, que, na ocasião, os jornais e revistas deleitaram os leitores com inúmeras reportagens, acompanhadas de fotos, sobre as atividades de Eva Perón no Rio Janeiro.

O Correio do Povo publicou em 17 de agosto: “Chega hoje ao Rio a Dama da Esperança”.<sup>14</sup> No jornal Diário de Notícias, na mesma data, lemos na primeira página, com títulos escritos com fontes de grande tamanho (aproximadamente 20 milímetros): “*Eva Perón acompanhará a conferência com a delegação Argentina (Rio Meridional)*” “A ilustre dama argentina chegará ao Rio de Janeiro. O chefe da delegação argentina procurou Itamarati discutindo a possibilidade de separar aposentos especiais para a ilustre dama.”<sup>15</sup> E ainda:

“Sobre a entrevista coletiva de Eva Perón à imprensa, o Diário de Notícias considerou que o fato não se constituía de um acontecimento diplomático mas, sobretudo, social. A curiosidade e a simpatia em torno

---

<sup>13</sup> In: Diário de Notícias. Porto Alegre, 18 de agosto de 1947, capa. Título: Ausente ou presente a Argentina domina

<sup>14</sup> In Correio do Povo, 17 de agosto de 1947, capa. Título: Chega hoje ao Rio a Dama da Esperança.

<sup>15</sup> In: Diário de Notícias. Porto Alegre, 17 de agosto de 1947, capa.

da jovem, formosa e risonha primeira dama argentina criaram uma atmosfera de sensação, e tudo cooperou para isso, além de sua peculiar qualidade de embaixatriz extraordinária, de seu ilustre esposo e presidente (...). Nesta, provou sua agilidade mental e sua excepcional qualidade pessoal. Saiu, ao que parece, com a simpatia dos jornalistas do embate.”<sup>16</sup>

**O confronto direto da Argentina com os Estados Unidos no campo econômico e suas repercussões na imprensa brasileira.** - Apesar de, no campo político e diplomático, a Argentina buscar uma aproximação com os Estados Unidos, no econômico, ela seguia em forte conflito com esse país. As iniciativas de Perón, estatizando empresas e financiando o desenvolvimento da economia com o dinheiro público, eram vistas como uma ameaça aos interesses econômicos norte-americanos que reagiram, diminuindo as importações de produtos argentinos. Afora isso, Perón enfrentou uma batalha contra o baixo preço do trigo no mercado internacional, o que provocou uma queda maior ainda nas exportações argentinas.

“Decorrentes da soma desses problemas, as reservas cambiais do país passaram, em 1947, de 5,8 à 4,0 bilhões de pêsos e, nos primeiros cinco meses de 1948, baixaram a 2,8 bilhões. Em consequência, nesse ano, Perón promoveu uma desvalorização do peso, a qual foi atribuída, pelos economistas, em grande parte, ao financiamento de operações governamentais – como a compra de estradas de ferro estrangeiras e de grande quantidade de barcos mercantes – e à grande diminuição de importações de trigo e carne. Também nos últimos anos, os empréstimos bancários destinados à economia aumentaram sensivelmente (...) os empréstimos governamentais cresceram ainda mais: 400 à 700 milhões de pêsos entre 1945 e 1948.”<sup>17</sup>

Os problemas financeiros do país justificavam-se, também, pelo fato de, no seu primeiro mandato, Perón ter concedido uma série de benefícios à classe operária argentina. Em poucos anos, porém, o custo da política social peronista – chamada pelo próprio Perón de justicialismo-, associado à deterioração dos termos de intercâmbio e às restrições dos Estados Unidos à política nacionalista argentina, provocou um déficit nos cofres públicos e sobrecarregou o setor empresarial nacional.

---

<sup>16</sup> In: Diário de Notícias. Porto Alegre, 17 de agosto de 1947, capa.

<sup>17</sup> In. Conjuntura Econômica: V.7; 1948, pág. 31-32 Título: “Argentina, causas e efeitos da desvalorização do pêsos.”

As dificuldades econômicas argentinas cresceram a partir dos anos 50 e deram margem a que críticas severas de setores da sociedade nacional começassem a se incorporar àquelas realizadas pelos órgãos governamentais e pela imprensa dos Estados Unidos. Além disso, aproximavam-se as eleições para presidência da república, a qual Perón se apresentava como candidato ao seu segundo mandato. Nessa conjuntura política, a imprensa dava grande espaço às críticas e aos fatos que a ela se relacionavam, como a tentativa frustrada de golpe em setembro de 1951 ou o fechamento temporário do jornal La Prensa que condenara a forma de Perón governar.<sup>18</sup> A partir desse momento, as matérias dos jornais passaram a representar o governo peronista como ditatorial. Várias manchetes possibilitam essa constatação:

Matérias de primeira página no Correio do Povo, antes das eleições:

12/08/1951- *Cada vez mais difícil a atividade dos opositores na Argentina*

29/09/1951- *Voltará a circular La Prensa como órgão da CGT (Confederação Geral do Trabalho, órgão dominado pelo governo)*

10/10/1951- *Os opositores exigem de Perón completa liberdade de reunião e de movimento*

Após as eleições, que Perón venceu com mais de 50% dos votos

18/11/1951- *Perón teria encarcerado segundo a oposição, mais de 3 mil políticos*

22/12/1951- *Cassadas as imunidades de três deputados argentinos*

05/09/1952- *Restrições à oposição na Argentina.*

Logo após assumir seu segundo mandato, os jornais divulgaram o programa de austeridade imposto pelo governo à sociedade. Nos comentários do jornalista da AP, fica expressa a avaliação negativa que se procurava passar sobre o peronismo.

---

<sup>18</sup> É importante destacar que, nesse contexto adverso, o governo peronista censurou a imprensa, perseguindo os jornais que não se alinhavam com sua política. Essa atitude provocou uma reação do setor jornalístico ao nível internacional e é um dos fatores que contribuíram para esclarecer o porquê de uma oposição tão explícita da imprensa mundial ao regime. Após várias medidas que tentavam controlar a informação, como a centralização dos estoques de papel, o governo acabou por fechar alguns periódicos que lhe faziam oposição sistemática. O jornal La Prensa foi um dos atingidos, em 1951, tendo seu proprietário, Alberto Gainza Paz, se exilado no Uruguai inicialmente e, depois, nos Estados Unidos, de onde passou a enviar reportagens contrárias ao peronismo para toda a América Latina.

20/02/1952 – *Impôs Perón um programa de austeridade ao povo argentino, em virtude da situação econômica do país.*

Perón, por sua vez, procurava reagir, levantando a população contra o imperialismo. Em discurso referiu:

“O imperialismo capitalista não entrega suas posições facilmente e, quando derrotado, luta em outras direções. Eles contam com uma organização no mundo inteiro e não permitem, sem uma luta rígida, que os trabalhadores, em qualquer parte da terra imponham novos meios de agir.”<sup>19</sup>

A idéia defendida por Perón de que o “*imperialismo capitalista, representado pelos Estados Unidos*”, estava em luta contra a sua política de governo porque esta buscava proporcionar aos trabalhadores “*novos meios de agir*” reforça o conflito existente entre o nacionalismo econômico e o justicialismo, versão do anti-imperialismo peronista e a expansão do capitalismo internacional que batia à porta da nação Argentina.

Durante o segundo mandato de Perón, as dificuldades econômicas aumentaram e foram acompanhadas de uma crescente agitação política. A partir de então, a imprensa passou a dedicar maior atenção aos acontecimentos na Argentina, privilegiando sempre os atos contrários ao governo. Sobre o apoio popular do povo argentino ao seu líder, pouco se noticiava. Raro exemplo, temos na matéria do dia 1º de maio de 1953, quando a manchete de capa anunciou “Programada para hoje em Buenos Aires gigantesca manifestação dos trabalhadores ao general Perón”. O mesmo aconteceu em reportagem de 31/07/1952, por ocasião das manifestações de comoção provocadas pela morte de Eva Perón.

Dois temas concentraram a atenção da imprensa nesses anos de crise do peronismo. O recrudescimento da animosidade com os Estados Unidos e a supressão da liberdade de imprensa.

No que diz respeito às divergências entre a Argentina e os Estados Unidos, acentuou-se a inquietude norte-americana em relação ao governo peronista, acompanhada do

---

<sup>19</sup> In. Correio do Povo; capa, 18/04/1952. Título: “Em discurso, Perón disse que dirigirá agora sua ação contra o imperialismo”.

reconhecimento de que o país exercia uma certa influência na América Latina e da preocupação com a “*amizade russo-argentina*”.<sup>20</sup> Da parte da Argentina, a convicção de que a imprensa norte-americana conspirava contra o peronismo resultou num pedido de Perón para que o Congresso investigasse o trabalho da Associated Press<sup>21</sup> e na exclusão das notícias procedentes desta agência dos periódicos argentinos.<sup>22</sup>

A iniciativa de Perón de proibir a chegada ou a saída de notícias da Associated Press da Argentina denunciava a preocupação do governo peronista com a sua própria imagem no exterior. Em reportagem publicada no dia 14/03/1953, Spruille Braden voltava a dirigir acusações a Perón ao afirmar a existência de uma “*campanha de ódio aos Estados Unidos*”. Nas palavras de Braden, Moscou aparece como “*a fonte principal da inspiração desta ameaça*”, mas esta campanha estaria “*sendo aumentada por afluentes, tais como o peronismo, o nacionalismo imprudente e a corrupção ou conveniências políticas*”.<sup>23</sup>

A resposta argentina foi rápida e, no dia seguinte, Hipólito Paz - embaixador argentino nos Estados Unidos - classificava as afirmações de Braden como “*caluniosas*”, lembrando que Perón “*mediante uma legislação adequada e de justiça social, fez desaparecer o mal do comunismo em nosso país, atacando as causas que o originaram*”.<sup>24</sup>

O ponto central da nova divergência era a disputa pelo significado de uma representação da Argentina. Na versão norte-americana, ela seria um país inspirado por Moscou – centro mundial do comunismo – e, na versão do governo argentino, o país estava livre do mal comunista.

Perón continuou resistindo à pressão norte-americana de alinhamento e submissão aos seus interesses. Para tal, propôs a assinatura de acordo de cooperação econômica com o Chile e o Brasil. Na ocasião, proferiu as seguintes palavras, as quais indicam o quanto pressentia o perigo de submeter-se aos EUA.

---

<sup>20</sup> In. Correio do Povo; capa, 13/02/1953. Título: “A amizade russo-argentina”.

“*Ninguém ignora o interesse com que o justicialismo vinha propiciando ao longo da América a campanha de aversão aos Estados Unidos, visando criar em várias repúblicas ao sul do rio do Prata uma zona de oposição à política de Washington. Para fortalecer essa oposição e dar-lhe maior caráter a Argentina, que aparece como líder de tal movimento, procurou apresentar-se de braços dados com a Rússia, (...).*”

<sup>21</sup> In. Correio do Povo; capa, 03/05/1953. Título: “A Argentina toma posição ostensiva contra a política dos Estados Unidos da América”.

<sup>22</sup> In. Correio do Povo; capa, 13/05/1953. Título: “Proibida a Associated Press de receber despachos na Argentina”.

<sup>23</sup> In. Correio do Povo; capa, 14/03/1953. Título: “Afirma Braden que uma conspiração comuno-peronista ameaça os EE. UU.”

<sup>24</sup> In. Correio do Povo; capa, 15/03/1953. Título: “Reage Hipólito às acusações de Braden”.

“Creio que o Brasil e a Argentina devem unir-se e unir-se cada dia mais, em face ao futuro incerto com que se defronta o mundo. Unidos seremos livres. O ano 2000 nos encontrará unidos ou dominados.”<sup>25</sup>

O sucesso da iniciativa foi apenas parcial – uma vez que as negociações com o Brasil não foram bem sucedidas, mas isso não diminuiu a importância deste acontecimento que evidenciou o esforço argentino para se fortalecer na sua política externa e serviu de munição para um discurso pregando maior integração econômica entre os países latino-americanos.

No transcurso do ano de 1953, os atritos acalmaram-se, os periódicos argentinos voltaram a publicar notícias procedentes da Associated Press e a visita da comitiva diplomática norte-americana à Argentina, chefiada pelo irmão do presidente Dwight Eisenhower, contribuiu para acalmar os ânimos peronistas e encaminhar a obtenção de empréstimos junto aos Estados Unidos.<sup>26</sup>

**Relações entre Brasil e Argentina ameaçadas** – Nos últimos anos do governo de Péron, alguns jornais publicaram a desconfiança e mesmo a convicção, manifestadas por alguns políticos brasileiros, de que a Argentina estava envolvida em planos imperialistas que ameaçavam as nações vizinhas.

Uma matéria editada no Correio do Povo, nos inícios de 1953, reproduziu declarações do Senador carioca Hamilton Nogueira que classificavam o peronismo como “um movimento saudosista, procurando reviver o Vice-Reinado do Prata”. O Senador apresentava sua opinião a partir da leitura de “diversos documentos sobre o peronismo, toda a sua doutrina geo-política, todo o seu caráter fascista e imperialista (...), e recomendava ao Brasil “impedir a penetração da doutrina peronista”.<sup>27</sup>

Várias matérias, dando voz aos opositores de Péron, se fizeram presentes nos meios de comunicação. Elas não apenas criticavam a sua política de integração para os países do

---

<sup>25</sup> Palavras de Perón, In: Correio do Povo; capa, 02/07/1953. Título: “Perón à comitiva brasileira: Penso que chegou a hora de começarmos a proceder como queria o Barão de R. Branco”

<sup>26</sup> In. Correio do Povo; capa, 21/07/1953. Título: “Perón foi extremamente cordial com a comitiva de Eisenhower”.

<sup>27</sup> In: Correio do Povo; contracapa, 28/02/1953. Título: “Crítica ao regime peronista vigorante na Argentina”.

Conesul, a qual classificavam de imperialista, mas a relacionavam à conduta de Hitler na Europa.

Na campanha contra o peronismo no Brasil, uma empresa de comunicação destacou-se especialmente. Foi a Diários Associados de propriedade de Assis Chateaubriand, da qual faziam parte jornais, como, o Diário de Notícias, publicado em Porto Alegre e revistas, como, a O Cruzeiro, semanário de veiculação nacional com larga penetração no público em geral.

No que diz respeito às relações entre Brasil e Argentina, os veículos dos Diários Associados atuaram no sentido de fomentar a opinião dos leitores contra as atitudes de Péron. Com essa determinação, transformaram Raul Damonte Taborda, anti-peronista que se exilara no Brasil e, mais tarde, em 1954, passou a viver no Uruguai, em um personagem de destaque da cena política platina. O Diário de Notícias realizou entrevistas com Taborda, nas quais o opositor assim se referiu a Péron e seu governo:

“Os objetos geopolíticos de Péron na América não são segredos. Embora haja as vezes clima de descrença relativamente as intenções do ditador argentino como houve na Europa com respeito a Hitler até 1938. O fato é que Perón desenvolve uma verdadeira Guerra Fria no sentido de reunir em sua órbita o Chile, Bolívia, Paraguai e sul do Brasil.”<sup>28</sup>

É interessante destacar a forte relação que se estabelecia entre Perón e o nazismo. Na reportagem acima citada, acompanhavam dois mapas: o primeiro fora distribuído pelo consulado argentino em Porto Alegre e ilustrava a presença de tribos argentinas no sul do Brasil durante o período colonial. O segundo era de autoria do alemão R. Tannenberg (1911) e ilustrava um pretendido império germânico na América; abaixo deste mapa estava a seguinte frase: “o peronismo na atualidade arroja-se sucessor dos sonhos imperialistas dos germânicos(...)”

Em 16/06/1955, já quando o governo de Perón encontrava-se em agonia, Taborda novamente voltou à cena. Em entrevista que concedeu à Rádio Farroupilha, líder de audiência em todo o Rio Grande do Sul, analisou o conflito entre Perón e a Igreja, que culminaria com a renúncia do Presidente, com essas palavras:

---

<sup>28</sup> In: Diário de Notícias; contracapa, 23/06/1954. Título: “Perón inclui nas fronteiras do sonhado Império do Prata a metade sul do Brasil, e mais toda a Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.”

“Péron está empenhado, a ferro e fogo no aniquilamento da Igreja! (...) é um novo setor que sofre na própria carne a perseguição que de longa data estão sofrendo os partidos, os sindicatos, a Marinha, o Exército e a Aeronáutica, as Universidades, o comércio, a indústria, a pecuária, a lavoura, para não falar da imprensa livre e das instituições culturais e democráticas que sempre são as primeiras vítimas dos tiranos. A Igreja que estava indiferente a tudo isto, está agora combatendo com decisão, amplitude e heroísmo.”<sup>29</sup>

Taborda acusou, ainda, Perón e seus seguidores da morte e da tortura de líderes operários que desafiaram o governo peronista e concluiu com uma frase, prevendo o futuro da Argentina. “A revolução já está nas ruas de Buenos Aires e demais cidades argentinas. Falta apenas que alguém a conduza até a Casa Rosada, para felicidade da Argentina e a necessária tranqüilidade da América.”<sup>30</sup>

Uma crise imaginária nas relações entre Brasil e Argentina foi assim sendo construída. Na tentativa de imputar toda a responsabilidade a Perón e valorizar a amizade que unia os dois países historicamente, as manchetes dos Diários Associados procuravam, porém, esclarecer que era necessário “Não confundir peronismo com povo argentino”<sup>31</sup>. Em artigo da Revista “O Cruzeiro” de 01/05/1954, Austregésilo de Athayde (membro da Academia Brasileira de Letras) assim se referiu às relações entre os dois países: “A nação argentina é para nós o grande acervo de cultura, de progresso, de riqueza conquistada no amor e na prática da liberdade. O mesmo amor que tem guiado a nação brasileira. “E a identidade desse amor é um perpétuo traço de união.”<sup>32</sup>

## Conclusão

Os acontecimentos ocorridos na Argentina durante o governo de Juan Domingo Perón foram objeto de várias matérias jornalísticas publicadas na imprensa brasileira. Fotos, reportagens, artigos foram selecionados pelos editores, sempre com o cuidado de divulgar o que ocorria na nação vizinha.

---

<sup>29</sup> In:Diário de Notícias; Capa, 16/06/1955. Título: “Mais de 300.000 argentinos desfilaram pelos calabouços.”

<sup>30</sup> In:Diário de Notícias; Capa, 16/06/1955. Título: “Mais de 300.000 argentinos desfilaram pelos calabouços.”

<sup>31</sup> In: Diário de Notícias; Contracapa, 23/06/1954. Título: “Perón inclui nas fronteiras do sonhado Império do Prata a metade sul do Brasil, e mais toda a Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.”

<sup>32</sup> In: O Cruzeiro; p. 4, 01/05/1954. Título: “Duas nações inseparáveis”.

Sendo assim, algumas manchetes, que se referiam a necessidade de Perón obter recursos externos, revelaram, para o público leitor, a gravidade da situação econômica e financeira da Argentina. Outras, por sua vez, lançaram luzes às limitações da ideologia nacionalista (e anti-imperialista) que marcavam a política peronista. Também, buscaram demonstrar que o período de esperanças do primeiro mandato de Perón cedia lugar a uma realidade que certamente decepcionou a muitos latino-americanos da época.

Com uma economia gravemente defasada, a “*autonomia*” ideológica desejada por Perón acabou demonstrando-se inviável. No campo político, Perón suportou enquanto pode as manifestações da oposição que cresciam juntamente com a crise econômica do país. O gradativo enfraquecimento do governo peronista – que entrou em atrito com as forças militares e a Igreja Católica – somou-se a várias agitações sociais que marcaram a Argentina de 1955. Tudo isso a imprensa brasileira registrou.

Contudo, não foi apenas o papel de divulgar os acontecimentos que ocorriam na Argentina que a imprensa brasileira voltada ao grande público desempenhou. Ela contribuiu, com suas representações negativas do peronismo e da política externa independente que o mesmo defendia, para que a sociedade brasileira visse fortalecido o imaginário marcado pelos sentimentos de concorrência, alteridade e ameaças que, aparentemente, ou de tempos em tempos, marcam as relações entre os dois países. Os vínculos estabelecidos entre Perón e o nazismo e o comunismo também tiveram um endereço certo: aproximar cada vez mais o Brasil dos Estados Unidos e fortalecer a falsa idéia de que o perigo maior encontrava-se entre nossos vizinhos de fronteira e, não, nas ameaças do imperialismo vindo do norte do continente.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, A. A; LATTMAN-WELTMAN, F.A. *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

AMARAL, Luis. *Jornalismo: Matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978.

AZEVEDO, Cecilia. Sob o Signo da aliança: o Projeto Kennedy e as Representações da América. *Revista História*. Goiânia: UFGO, vol. 2, nº 1, 1997.

ALTAMIRANO, Carlos. *Bajo el signo de las masas (1943-1973)*. Buenos Aires: Ariel, 2001.

AMARAL, Luis. *Jornalismo: Matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1978.

BACKZO, Bronislaw. *Los imaginários sociales: memórias y esperanzas coletivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

BACKZO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985. v. 5.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: História da Imprensa Brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

BAHIA, Juarez. *Jornalismo, informação e comunicação*, São Paulo, ed. Martins, 1971.

BAITZ, Rafael. *Um Continente em Foco: A Imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1969)*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Deptº de História da FFLCH-USP, 1998.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: da tríplice aliança ao Mercosul (1870-2003)*. Rio de Janeiro: Renavan, 2003.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina Brasil (1930 – 1992)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BIAGI, Orivaldo Leme. *O Imaginário e as guerras da imprensa: Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950 – 1953) e Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964 – 1973)*. Tese defendida na UNICAMP, 2001.

BRANCATO, Sandra. As relações Brasil/Argentina no ano de 1937: rivalidade e conflito. *Revista Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, vol. XIV, n 2, 1988.

BRANCATO, Sandra Maria Lobisco. A Conexão EUA/BRASIL e a “questão Argentina” (1942-1944). *Estudos Ibero-americanos*, v. 18. n. 1, 1992.

BRIGGS, Asa; Burke, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BULMER-THOMAS, Victor. *La historia económica de América Latina desde la independencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

CAPELATO, Maria Helena. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em Cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

CARI (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). *La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995)*. Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

CATARUZZA, Alejandro. *Nueva historia Argentina: crisis económica, avance del estado e incertidumbre política (1930-1943)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

CERVO, Luis Amado; BUENO, Clodoaldo. *Historia da Política Externa Exterior do Brasil*. Brasília: UNB, 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER Roger. *Au bord de la falaise: L'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Editions Albin Michel S. A., 1998.

CHARTIER Roger. "O mundo como representação". *Estudos Avançados*, nº 11, v.5, 1991.

CISNEROS, Andrés; ESCUDE, Carlos. *Historia General de las Relaciones Exteriores de la Republica Argentinas*. Buenos Aires: Editorial Galerna, 2000.

CISNEROS, Andrés; IÑÍGUEZ, Carlos. *Del ABC al MERCOSUR: la integración latinoamericana en la doctrina y praxis del peronismo*. Buenos Aires: Nuevo hacer, 2002.

CONNELL-SMITH, Gordon. *Los Estados Unidos y la América Latina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

DI TELLA, Torcuato S. *Historia de la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Troquel, 1999.

DIAZ, Alejandro. *Juicios sobre la economía de Perón: ensayos sobre la historia económica Argentina*. Buenos Aires: Amorrut Editores, 1975.

DONGHI, Tulio Halperin. *La larga agonía de la Argentina peronista*. Buenos Aires Ariel, 1994.

ELMIR, Claudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, dez. 1995.

ESCODÉ, Carlos y FONTANA, Andrés. Divergencias Estratégicas en el Cono Sur: Las Políticas de Seguridad de la Argentina Frente a las de Brasil y Chile. In: *Documento de Trabajo N° 20*, Universidad Torcuato Di Tella, julio de 1995.

\_\_\_\_\_, Carlos. La Traición a los Derechos Humanos. In: *CARI* (Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales). La Política Exterior Argentina y sus Protagonistas (1880-1995). Buenos Aires: Editora Nuevohacer, 1996.

\_\_\_\_\_, Carlos. *Gran Bretaña Estados Unidos y la declinación Argentina (1942-1949)*. Buenos Aires: Editorial Belgreano, 1998.

\_\_\_\_\_, Carlos. Las restricciones internacionales de la economía Argentina (1945-1949). In: *Revista Desarrollo Económico*. Buenos Aires, v. 24, n. 96, janeiro-março 1987.

\_\_\_\_\_, Carlos. Réplica a los comentarios sobre *La declinación argentina*. In: *Revista Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 23, n. 92, p. 630-636, janeiro-março 1984.

ESPIG, Márcia Janete. *O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: O caso do Contestado*. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro, 1988, p. 269-289.

FERRÉ, Alberto. *Perón y la alianza argentino-brasileña*. Córdoba: Ediciones del Corredor Austral, 2000.

FODOR, J.; O'CONNEL. A. La Argentina y la economía Atlántica en la primera mitad del siglo XX. *Revista Desarrollo Económico*, Buenos Aires, n. 13, p.13-65, 1973.

FRAGA, Rosendo. *Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas*. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudios Union para la Nueva Mayoría, 1998.

GERMANI, Gino. El surgimiento del peronismo el rol de los obreros y de los migrantes internos. In: DI TELLA; Lucchini (comp.). *Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina*. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000.

GOLDMAN, Noemi (org.). *Nueva Historia Argentina: Revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

HIRST, Mónica. Vargas y Perón. *Las relaciones argentino-brasileñas. Todo es Historia*. Buenos Aires, n. 24, p.10-12, diciembre de 1985.

JAMES, Daniel. *Resistencia e integración: el peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976*. Buenos Aires: Sudamericana, 1990.

JUNQUEIRA, Mary. Representações políticas do território latino-americano na revista Seleções. *Revista Brasileira de História*. Ano 1. v. 21, n. 042, dez. 2001.

LANÚS, Juan Archibaldo. *Aquel Apogeo: política internacional argentina (1910-1939)*. Buenos Aires: Emece, 2001.

LANÚS, Juan Archibaldo. *De Chapultepec al Beagle: Política Exterior Argentina (1945-1980)*. Buenos Aires: EMECÉ Editores, 1984.

LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. Campinas: UNICAMP/Papirus, 1986.

LUCCHINI, Cristina. El proceso de industrialización por sustitución de importaciones en la Argentina. In: DI TELLA, Torcuato; LUCCHINI, Cristina (comp.). *Teoría e Historia: Una aproximación al estudio de la sociedad y el Estado en América Latina*. Buenos Aires: Editora Biblos, 2000.

LUNA, Felix. *La Argentina próspera*. Buenos Aires: Taurus, 2002.

LUNA, Felix. *Perón y su tiempo: el régimen exhausto (1953-1955)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

LUNA, Felix. *Peron y su Tiempo: la Argentina era una fiesta (1946-1949)*. Buenos Aires: Editora Sudamericana, 1984.

MACKINNON, Moira. *Los años formativos del partido peronista (1946-1950)*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores de la Argentina, 2002.

MACKINNON, Maria; PETRONE, Mario. *Populismo y neopopulismo en la América Latina: el problema de la cenecienta*. Buenos Aires: EUDEBA, 1999.

MARIANI, Bethania. *Os Comunistas no Imaginário dos Jornais. 1922-1989*. Campinas: Revan/UNICAMP, 1998.

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (org.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MELO, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História visual: Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História: O ofício do historiador*. v. 23, n. 45, jul. 2003, p. 11-36.

MORIN, Violette. *Aplicação de um método de análise da imprensa*. São Paulo: ECA, 1970.

MORAIS, Fernando. *Chato o Rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORENO RUIZ, Izidoro. *La neutralidad argentina en la Segunda Guerra Mundial*. Buenos Aires: EMECE, 1997.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de (1935-1942)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões; relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1991.

MUÑOZ SANCHIS, Jose. *La Argentina y la Segunda Guerra Mundial*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1992.

NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. *Jornalismo em revistas no Brasil: um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.

NATHAN, James A.; OLIVER, James K. *Efectos de la política exterior norteamericana en el orden mundial*. Buenos Aires: GEL, 1991.

PARADISO, José. *Debates y Trayectorias de la política exterior argentina*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1993.

PARADISO, Jose. Vicisitudes de una política exterior independiente. In: TORRES, Juan Carlos. *Nueva Historia Argentina: los años peronistas (1943 – 1955)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2002.

RAPAPORT, Mario. **1940-1945: Gran Bretaña, Estados Unidos y las clases dirigentes argentinas**. Buenos Aires: Editora Belgrano, 1980.

RAPAPORT, Mario. *Aliados o neutrales? La Argentina frente a la Segunda Guerra Mundial*. Buenos Aires, EUDEBA, 1988.

RAPAPORT, Mario; SPIEGUEL, Claudio. *Estados Unidos y el Peronismo*. Buenos Aires: GEL, 1994.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina (1916-1999)*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

SARLO, Beatriz. *La batalla de las ideas: 1943-1973*. Buenos Aires: Ariel 2001.

SEIXAS, Luis Felipe; FRAGA, Rosendo. *Argentina – Brasil: Centenário de duas visitas*. Buenos Aires: Ed. Centro de Estudos Union para la Nueva Mayoría, 1998.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: A influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo. São Paulo: Sumus, 1991.

TORRE, Juan Carlos. *Nueva historia Argentina: Los años peronistas (1943-1955)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

WAIBERG, Jacques. *A Império das palavras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1977.